



Publicado originalmente em: texto mimeo gentilmente cedido pelos autores. 2003.

GOIÁS: UMA FRONTEIRA EM CONSTANTE MUTAÇÃO?*

Renato Araújo Teixeira**
renatoaraujoufg@bol.com.br
Valney Dias Rigonato***
Valney_rigonato@yahoo.com.br

*Eu viajei pra muito longe
Atrás de um mundo novo
E me realizar
Quanto mais distante eu fui
Mais perto me encontrei
(...)
Progresso eu sei é necessário
Mas não há salário*

Que pague o que eu tenho

*Indústria que tudo refina
Mas só me fascina
O doce do engenho
Inconscientemente o povo
Corre atrás do novo
Ninguém trará de volta a feira
A roça a cachoeira
Tudo tem seu preço
Apreço ao meu lugar –
Paulo Matricó*

O propósito deste trabalho é analisar a construção das fronteiras a partir do processo histórico de uso e ocupação do território goiano. Ao enfatizar sobre a existência de diversas temporalidades, faz-se necessário levantar o contexto histórico-espacial que caracteriza essas várias fronteiras do Estado de Goiás.

Nesse aspecto, a dinâmica do território usado goiano configura-se num laboratório de fronteiras. Haja vista que esse território mostra-se intersectado ao processo de elaboração da nação próspera na formação

Ao longo da história da constituição do território brasileiro, Goiás é inserido como *locus* de descoberta, de oportunidades, de alteridade, de sociabilidade e de convivialidade de tempos e espaços distintos. Neste embate, percebe-se que a integração do território goiano estruturou-se pelas inquietações e vicissitudes dos elementos políticos, sociais, culturais e econômicos das várias frentes de expansão^[1] e frentes pioneiras^[2] que caracterizam as situações de fronteiras.

O território goiano é, portanto, fruto da “superposição” de várias frentes de expansão e frentes pioneiras que propiciou uma configuração territorial de múltiplas temporalidades espaciais. É evidente que esse simulacro da formação socioespacial constituiu-se no arrancho territorial da sociedade goiana moderna.



A expansão da fronteira sobre o Estado de Goiás (re)criou novas estruturas em âmbito do território nacional. Consolidaram-se mais efetivamente os territórios, anexando espaços vazios^[3], e ao mesmo tempo, estabeleceu-se uma situação de instabilidade temporais e espaciais, em nome do capital.

A incorporação capitalista e apropriação desigual e combinada do espaço goiano apresentam um leque de relações intrínsecas com os elementos de natureza histórica e geográfica. Esses elementos fazem parte da matriz da “Modernização Conservadora”.

A diversidade regional em Goiás é fruto da espacialização dessas fronteiras que se enraizaram em tempos e espaços desiguais e combinados. Desse ponto de vista, pode-se interpretar que as diversas regiões do território goiano possuem características de fronteiras. Essas principais frentes pioneiras é bem referenciado por Barreira (2002) que demonstra diante do transladar das frentes pioneiras que “pode-se regionalizar esquematicamente o estado segundo as etapas da ocupação no século XX”.

Sul Goiano:

Esta porção do Estado de Goiás presenciou a influência da frente pioneira da exploração do ouro, da estrada de ferro e das estradas de rodagem. As manifestações dessas frentes pioneiras corroboraram na criação de infra-estruturas na constituição de cidades e no surgimento de municípios. Portanto, o sul goiano esteve interligado ao processo de expansão do Sudeste do país. Esse caráter propiciou uma organização espacial “expontânea”.

Sudoeste Goiano:

A pecuária e agricultura foram significativas: num primeiro momento de ocupação efetivaram-se (pecuária e agricultura) como atividades econômicas predominantes na região. A partir das primeiras décadas do século XX, houve a inserção e o desenvolvimento da agropecuária na lógica comercial por meio da frente pioneira – da estrada de ferro e estradas de rodagem. Essa lógica intensificou-se nos meados de 1970, quando acentuou o processo de modernização da agricultura, atribuindo-lhe o caráter de maior região exportadora de produtos agrícolas do Estado de Goiás. Nessa região, observa-se na sua configuração espacial alta concentração fundiária e também de agroindústrias. A consequência disso é a elevação nos fluxos migratórios na estruturação intra e inter-regionais, e a reboque constata-se crescimento de alguns centros urbanos e por fim, resultado disso são os conflitos sociais.

Mato Grosso Goiano:

Essa área localiza-se na parte central do Estado de Goiás, detentora de terrenos de boa fertilidade – Latossolo Vermelho Escuro (Terra Roxa), dimana-se a uma vegetação exuberante que foi povoada intensivamente a partir da década de 1930. É importante ressaltar que o processo de ocupação nessa região concretizou-se com a construção de Goiânia, antecipando a modernização. Dessa maneira, em 1943, o governo federal impulsionou o processo de povoamento, materializado pela Fundação Brasil Central e outros projetos de colonização para o centro do país. O mato Grosso Goiano hoje possui grande aglomerado urbano reflexo do êxodo rural impulsionado pelas frentes pioneiras ao longo dos anos.

Eixo da Belém-Brasília

Pode-se afirmar que o eixo teve três frentes pioneiras importantes até o final do século XX. 1- Mineração; 2- Colônia Agrícola Nacional de Ceres; 3- Rodovia federal Belém-Brasília. A partir da década 1940, os projetos de colonização tinham como objetivo “fixar trabalhadores e implantar um sistema baseado na pequena propriedade e na comercialização cooperativista”



(Ibidem, p.173). Nesse aspecto, ocorreram à falência desses projetos e na contracorrente, o eixo passou a servir como ponto demográfico importante para subsidiar os fluxos da frente pioneira em direção ao norte do país. Nessa dinâmica, houve a interligação desta região com o sul do estado de Goiás e o desenvolvimento de algumas cidades, centros regionais tais como: Ceres, Uruaçu e Porangatu.

Região da estrada do Boi:

A ocupação e povoamento deram-se por volta de 1726 e viveu um longo período de isolamento. Após dois séculos o processo de ocupação propagou novo ritmo com economia da pecuária de corte, surgindo novos núcleos urbanos. “A região foi ocupada durante as décadas de 60 e 70 com uma pecuária altamente comercial e intensiva, que utilizou exaustivamente o território para formar pastos” (Ibidem, p. 174). Para subsidiar essa atividade surgiram alguns importantes centros urbanos – São Miguel do Araguaia, Mozarlândia e Nova Crixás. Cabe ressaltar a importância geográfica da região da estrada do boi para a ocupação do Xingu.

Eixo da GO-060:

A gênese dessa região está vinculada à atividade de mineração do ouro. Num período ulterior, com locação da GO-060, a região assume nova dinâmica produtiva baseada na agropecuária moderna e na extração mineral. Hoje, os principais núcleos urbanos são: Iporá, São Luís de Montes Belos e Aragarças. Entretanto, essa região desenvolve-se da pecuária e o plantio de soja para exportação.

Entorno de Brasília:

No tocante de dimensionar o impacto da implantação do Distrito Federal em Goiás, verifica-se que a transferência da capital federal para o território goiano trouxe grandes alterações à área do entorno. Além das estradas novas, ligando-a praticamente a todas as partes do Brasil, constata-se que uma nova organização geográfica se impôs num intenso processo de urbanização. É sabido que na atualidade o Entorno de Brasília formata-se numa região paradoxal, tanto para Brasília como para Goiás. Ou seja, Brasília de antemão “usufrui” do Entorno, já o Entorno, devido, a disponibilidade de mão-de-obra barata nutre-se de Brasília.

Nordeste Goiano:

Esta região foi receptora da frente de expansão mineradora no século XIX, fato que lhe atribui um peso político no Estado. Após alguns anos a mineração escasseou-se levando-a à recessão econômica e a miséria. É interessante ressaltar que neste período o desenvolvimento da pecuária extensiva e agricultura de uso comum surgiram como alicerce regional. Para Barreira (Ibidem, p. 176), “essa região passou receber os impactos (mais intensos) das transformações estruturais dos últimos vinte anos”. Nesse sentido, a autora destaca as principais atividades locais nesta região: mineração, turismo e a reocupação através da pecuária. Ela destaca ainda, o importante papel do Distrito Federal na criação de projetos - “Goeconômica de Brasília e o Polocentro”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, as diversas regiões^[4] do território goiano foram estruturadas em diferentes ritmos de ocupação sob o aladi do desenvolvimento do modo de produção capitalista. Dessa maneira, pode-se dizer que as regionalizações do território goiano estão interligadas ao processo de mobilidade das fronteiras.



Após a década de 1970 com a inserção de grandes remessas de capitais ao estado de Goiás percebe-se uma avassaladora apropriação no uso e ocupação do território por meio da agricultura e pecuária moderna, observa-se uma nova dinâmica das fronteiras na apropriação do espaço goiano.

Barreira (Ibidem, p. 177) sublinha que:

As manifestações espaciais mais visíveis dessa transformação territorial foram o processo de acelerado de incorporação de terras, a criação de novos municípios e a implantação da malha viária.

Goiás alicerça-se na produção diversificada de produtos agro-industriais não só para atender o mercado interno, como também o externo. Goiás deixa de ser apenas um estado de abrangência nacional para tornar-se um estado de referência global. Como exemplo dessas realidades “instituídas” pode-se citar e tomar para análise os diferentes índices de crescimento populacional, a incorporação de novas áreas de produção, as migrações, o desenvolvimento urbano, a tecnificação da agropecuária e industrialização da produção, entre vários fatores, que desencadeiam a diferenciação espacial.

Nesse ínterim, os programas desenvolvimentistas e programas de financiamentos^[5] como: SUDECO, PRODECER, POLOCENTRO, PRONAF, GEOECÔMICA entre outros, parecem não ter sanado os problemas da diferenciação espacial, pelo contrário, perpassa a lógica de propagação das contradições. Por outro lado, será que essas contradições regionais seriam minimizadas através de políticas públicas? Ao contrário, houve a propagação dessas contradições por intermédio da incorporação de terras, da concentração fundiária, do aumento do fluxo migratório e por último, da criação de complexos urbano-industriais no território goiano.

As políticas públicas foram implementadas de forma verticalizada. Quer dizer, pouco relevou “as peculiaridades regionais” no âmbito do poder local e regional na implementação de suas ações e planos desenvolvimentistas. Contudo, Barreira (Op.cit, p. 183) salienta “que as políticas públicas tiveram papel fundamental na estruturação recente do território goiano”.

Fronteira em Goiás no século XXI: novas perspectivas no Cerrado Goiano

As manifestações espaciais no território goiano a partir das últimas décadas do século XX e no princípio do século XXI, transfiguraram num universo das configurações socioespaciais regidas sobre a égide do capital globalizado.

Para Mello *apud* Becker (2003 p. 640) “a redefinição do papel do Estado, apresenta numa nova roupagem, onde o Estado nacional, junto com os governos estaduais, tem apenas o papel de indutor, sendo seu planejamento e execução atribuição do setor privado”. Neste panorama, o Estado apresenta-se como agente incapaz de sustentar os programas desenvolvimentistas na abrangência: dos domínios territoriais, da abertura de novas fronteiras e da negociação ao capital globalizado.

Nesse processo, as novas fronteiras que estão se materializando no território goiano possuem um denominador comum: o capital privado nacional e/ou internacional. Ambos alicerçam ao lado da Reforma do Estado, pelos “três vetores estruturais básicos: i) educação e



capacitação; ii) desenvolvimento científico iii) consolidação e modernização da infra-estrutura” (Mello, 2003, p. 640).

Dessa forma, as reflexões atuais apontam para ineficiência da ação do Estado, que outrora foi responsável pelas políticas de povoamento, de propagação das fronteiras e do desenvolvimento territorial goiano.

Nessa perspectiva, perpassa a lógica da existência de várias fronteiras atuando na estruturação e desestruturação do território goiano. Tais como: as fronteiras agroindustriais, automobilísticas, urbanas (metropolitana), biotecnológica, (eco) turismo, telecomunicações, transporte, especialização do trabalho, do conhecimento “técnico-científico-informacional. É evidente que essas fronteiras vem se estruturando, em face da necessidade ampliada de acumulação do capital tornando-as especializadas, eficazes, dinâmicas, diversificadas e globalizadas”.

Dessa maneira, o território goiano com o ‘progresso’ idealizado pelas fronteiras em constante mutação, mantém um certo “apeço ao seu lugar”. Neste universo de constituição histórica e geográfica do território, revelando um imbricado de apropriação e de valorização simbólica e existencial do povo goiano. Entende-se aqui que a formação da cultura do povo goiano consolida-se a partir do imbricado de relações estabelecidas na situação de fronteira em constante mutação⁶¹ do tradicional e do moderno.

Referências

BARREIRA, C. C. M. *Vão do Paranã: a estruturação de um território regional*. São Paulo. UFG, 2002.

MORIN, Edgar & LE MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

MELLO, N. A. O eixo araguaia-tocantins: uma nova possibilidade de ordenamento territorial. In: GONÇALVES, M.F; BRANDÃO, C. A; GALVÃO, A.C.F. (org.) *Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional*. São Paulo: Unesp: ANPUR, 2003. Pg. 635-648.

MARTINS, J. S. de. Fronteira – O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. In: MARTINS, J. S. de. *A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997. Pg. 148-203

SUARES, V. S. *Configuração sócio-espacial no Norte de Goiás: o caso de Porangatu*. Goiânia Goiás, 2002. Dissertação de (Mestrado) IESA – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás UFG. Goiânia, 2002.

Música:

Matricó, Paulo. *Apreço ao meu lugar*. CD Encontro do Sertão. Recife, 01 de novembro de 2001.

· [Este texto foi elaborado a partir da apresentação do seminário da disciplina - Ambiente e Apropriação do Cerrado ministrada pela professora Dra. Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira – IESA/UFG.](#)

** Aluno do Curso de Pós-Graduação do Curso de Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – IESA/UFG.



*** Aluno do curso de Pós-Graduação do Curso de Geografia

[1] Segundo Martins (1997:188) “Frente de expansão está mais próxima da economia mercantil simples do que da economia capitalista e, ao mesmo tempo, está próxima da mera economia de subsistência”.

[2] (Op.cit. 1997:153) a frente pioneira é “a idéia de que na fronteira se cria o novo, nova sociabilidade, fundada no mercado e na contratualidade das relações”.

[3] Os “espaços vazios” não significam aqui regiões despovoadas, pois estar-se-ia desconsiderando a presença indígena efetiva. Trata-se de espaços incivilizados, onde a propriedade privada e o aparato jurídico que a legitima sob a forma do Estado eram instituições próprias da civilização e ausentes dos indígenas. (Soares, 2002, p. 29).

[4] Segundo o Anuário Estatístico do Estado de Goiás (1996) 05 cinco mesorregiões: o Noroeste Goiano, Norte Goiano, Centro Goiano, Leste Goiano, Sul Goiano, que abrangem 18 microrregiões goianas.

[5] SUDECO - Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste; PRODECER - Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados; POLOCENTRO - Programa de Desenvolvimento dos Cerrados; PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar; GEOECONÔMICA - Programa Especial da Região Geoeconômica de Brasília.

[6] Como bem retratou Morin (2000) “Estamos num período ‘entre mundos’; um, que está prestes a morrer, mas não morreu ainda, e outro, quer nascer, mas não nasceu ainda”. É nessa problemática transitória e dialética que inserimos o estado de Goiás, um território inacabado, em processo de mutação fluida e rápida.